

**Unicamp – Universidade Estadual de Campinas**

**IA – Instituto de Artes**

**“A DESVALORIZAÇÃO DA FOTOGRAFIA ANALÓGICA E SEUS  
DESDOBRAMENTOS”**

**Ariane de Freitas Almeida**

**RA 164329**

**Comunicação Social – Midialogia**

**CS101 – Métodos e Técnicas de Pesquisa em Midialogia**

**Docente: José Armando Valente**

## RESUMO

A consolidação da era eletrônica a partir da segunda metade do século XX trouxe alterações nas relações do homem com seus equipamentos. No campo da fotografia, a era digital provocou a rápida migração do suporte em película para o digital, implicando em diversas transformações.

Assim, esse artigo buscou compreender a desvalorização da fotografia analógica no contexto de mundo digitalizado, por meio de um estudo de campo, com aplicação de um questionário sobre uma amostra de 40 indivíduos entre 20 e 25 anos de idade.

Desenvolvido o estudo, foi possível confirmar a veloz adesão aos equipamentos digitais em detrimento dos analógicos, mantidos por entusiastas e saudosistas de suas especificidades.

**PALAVRAS-CHAVE:** Fotografia digital; filme fotográfico; processos; elaboração; praticidade; dinamização.

## INTRODUÇÃO

A fotografia analógica, ou seja, o processo que utiliza o filme fotográfico para fixação da imagem teve a sua massiva popularização graças aos esforços de George Eastman, fundador da primeira indústria de fotografia, a Kodak. Essa popularização resultou na transferência do fazer fotográfico para as mãos do próprio consumidor da fotografia, provocando a disseminação e o largo acesso a essa prática, por meio do simples manuseio das câmeras e a despreocupação com o processo de revelação, já que este era feito pela própria empresa provedora da câmera. Previamente, o processo de feitura e revelação da fotografia era realizado apenas pelo fotógrafo, que detinha os conhecimentos técnicos do equipamento e do processo de revelação da imagem captada, bem como a habilidade com os produtos químicos necessários para o referido processo.

Visto que a disseminação da fotografia foi realizada em meados do início do século XX, com Eastman, é possível identificar que tal evento ocorreu devido ao advento da III Revolução Industrial, caracterizada principalmente pelos avanços tecnológicos das mais variadas áreas do conhecimento humano. De acordo com isso, a lógica em que se está inserida a indústria nascente da fotografia nos permite associá-la aos conceitos típicos da produção industrial, sempre orientada para a busca da máxima produtividade, com o maior aproveitamento, menor custo e no menor tempo possível.

Dessa forma, o entrelaçamento da tecnologia ao universo da fotografia permitiu uma gama de diversificações dos equipamentos, atendendo as necessidades específicas dos diversos níveis de consumidores, desde os amadores aos profissionais:

E de fato estas câmeras são muito fáceis de usar. O motivo: componentes microeletrônicos sofisticados. Mas elas não servem apenas para pessoas sem conhecimento. Os avançados componentes eletrônicos oferecem vantagens aos fotógrafos de todos os níveis: (...) De forma mais importante, estes novos

componentes aumentam o percentual de boas exposições e até mesmo expandem o campo de possibilidades de realização fotográfica (SMITH, 1980, p.100)

Os avanços foram tão constantes e intensos, principalmente na segunda metade do século XX, que a automação ao mesmo tempo em que garantia a facilidade do uso, promovia o gradual descaso com as especificidades técnicas de operacionalização do equipamento fotográfico. A automação também foi determinante para estabelecer a falta de importância do processo de composição realizado pelo fotógrafo, como a escolha da focagem e da exposição do filme, reduzindo ainda mais o papel do mesmo.

A automação da fotografia não se resume apenas na perda de algumas funções do fotógrafo, mas também na atribuição do controle do processo de criação da imagem para o equipamento por si só. Um exemplo adequado dessa situação está na função do detector sorrisos, ou seja, processo que, por meio de sensores, câmera é acionada a capturar uma foto apenas quando detecta um sorriso na face de um dos objetos. Isso significa que nem mesmo o momento da captura da imagem pertence ao operador do equipamento.

Esse último exemplo, no qual cito a presença de sensores nos equipamentos, já diz respeito ao momento da fotografia no campo digital, em que uma das principais características da fotografia é alterada: o papel fotográfico. No contexto da fotografia digital, o papel fotossensível é drástica e rapidamente descartado e substituído pelas memórias digitais. Por um lado, esse acontecimento é simplesmente uma continuação da lógica industrial, já citada anteriormente, mas por outro corrobora com a perda da independência do fotógrafo, uma vez que essa nova expansão dos limites da fotografia permite, por exemplo, uma captura quase ilimitada de imagens, passíveis de serem vistas em seu resultado final instantaneamente e, caso não agradem o sujeito, serem deletadas. Ademais, o momento anterior à captura da imagem, condizente ao pensamento e planejamento da fotografia passa a ser desnecessário.

A característica de experimentação da fotografia analógica, ou seja, a escolha do tipo de filme, a exposição, filtros, processos de revelação, entre tantas outras coisas foi sendo gradualmente excluída e inutilizada frente à era digital. Atualmente, não se pensa mais em fotografia sem ser por meio do campo do digital, uma vez que também se verifica a escassez de produtos para a fotografia analógica, pois muitas empresas consagradas como a Fuji e a Kodak perderam mercado consumidor ou enfrentaram crises graves.

Apesar desse cenário de decadência da fotografia analógica, o caráter experimental ainda atrai fiéis adeptos e consumidores, dos quais me incluo por entusiasmo pessoal. A relevância subjetiva pela fotografia analógica acredito que se deva do fato de ainda pequena ter tido experiências com esse tipo de processamento, quando a digitalização ainda nascente e em consolidação, não era tão disseminada e acessada pelos meus familiares. Portanto, sou ainda muito seduzida pelos processos de pensamento e experimentação, do momento decisivo (CARTIER-BRESSON, 1981) pertencente somente ao fotógrafo, assim como do processo de revelação e as incertezas dos resultados finais. Dessa forma, julguei importante investigar como se dá atualmente a relação das pessoas com a fotografia analógica, considerando a existência da fotografia digital.

Portanto, como estudante do curso de Midialogia da Unicamp, almejei com essa pesquisa verificar, da forma mais objetiva e clara possível, o grau de desvalorização da analógica no cenário atual do mundo digitalizado. Sendo assim, trabalhei durante toda a pesquisa as relações, os conflitos e efeitos das duas extremidades da fotografia, a analógica e a digital, sobre o meu público estudado, jovens pertencentes à geração Z (GECK, 2006) da qual eu particularmente, pertenço.

## **METODOLOGIA**

A pesquisa desenvolvida foi do tipo pesquisa de campo, com fins descritivos a partir de dados quantitativos e qualitativos. Utilizando como público os indivíduos que fazem parte dos primeiros 5 anos da geração na qual eu pertenço, a geração Z, ou seja, nascidos nos 5 primeiros anos da década de 90, eles me serviam de subsídio para responder, através de um questionário, se ainda possuem contato com alguma câmera analógica e outras perguntas acerca da fotografia analógica e digital.

Inicialmente, com o intuito de expandir meus conhecimentos sobre o tema tratado, realizei pesquisas na internet e em bibliotecas da Unicamp, ampliando meu repertório bibliográfico e crítico por meio de leituras de artigos, livros e periódicos online. Passada uma semana de pesquisa, estava com carga teórica suficiente para prosseguir. Em seguida, foi elaborado um questionário com oito questões rápidas, sete de múltipla escolha e uma aberta.

O questionário foi aplicado de forma online, por um site especializado em questionários (SURVIO). Primeiramente, foi aplicado o questionário teste em três pessoas que detectaram erros e fizeram sugestões para o melhoramento do mesmo. Logo após as correções, o questionário oficial foi aplicado pelo período de duas semanas ao invés de uma, como previsto no projeto, devido à disponibilidade de tempo dos pesquisados. A população utilizada apresentava idades de 20 a 25 anos de idade, de ambos os sexos e eram alunos do Curso Elite Pré-Vestibular de Campinas. Foram coletadas respostas de uma amostra de 40 pessoas, através da fórmula de Gil (1999) que considerou uma população de 55 alunos, o nível de confiança de aproximadamente 95%, a percentagem de indivíduos que tem contato com algum dos dois tipos de câmera fotográfica de 90%, a percentagem complementar dos que não tem contato com esse tipo de equipamento de 10% e o erro máximo de 5%.

Com os resultados em mãos, me empenhei em analisar os dados e quantificá-los, levantar porcentagens e estatísticas. Depois dessa primeira análise, criei gráficos e tabelas para organizar os dados e facilitar a compreensão do leitor através desses recursos visuais. Após a quantificação dos dados, realizei a análise qualitativa dos dados, por meio de comparações dentro das respostas das questões, assim como comparações desse estudo de campo com o levantamento referencial feito inicialmente.

Finalmente, foi elaborado o artigo científico acerca do tema, os dados levantados e minhas próprias reflexões, convergindo nos resultados a serem apresentados a seguir, de acordo com a metodologia proposta.

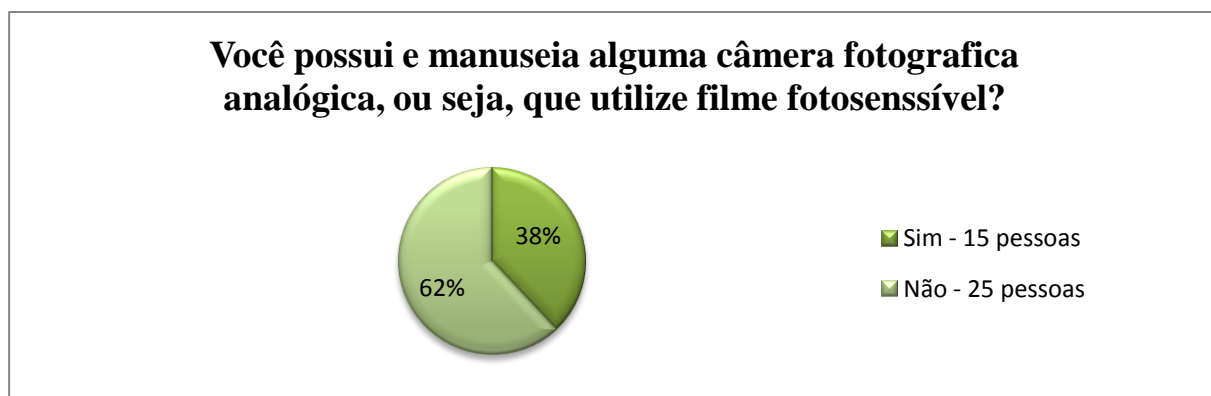
## RESULTADOS E DISCUSSÕES

Como foi dito anteriormente, o questionário foi aplicado a 40 pessoas, as quais eu pressupus que soubessem previamente o que significava fotografia analógica – a que se vale da película fotográfica –, mais distante da atualidade, e fotografia digital, presente no atual e todos responderam sem dificuldades ao questionário. Fiz, assim, a análise de quatro questões do total de oito, dada a relevância de cada uma delas.

De modo geral, observando a pesquisa como um todo, foi possível constatar a inegável desvalorização da fotografia analógica frente à era digital. A última década do século que viu a fotografia em película se desenvolver, consolidar como meio de registro da realidade e se industrializar, fazendo-se presente em todos os cantos do mundo e nas mãos dos mais diversos usuários, não conseguiu perpetuar essa prática entre sua geração e para as próximas, dando lugar a produção de imagens digitais. De acordo com o depoimento de Ricardo Pimentel no livro de Nelson Martins (2012), a transformação vivida no mundo fotográfico foi e ainda está sendo veloz:

Durante cerca de 160 anos a utilização de filmes e o processo de revelação foram dois conceitos básicos da fotografia e que em apenas dez ou quinze anos eles praticamente deixaram de existir (...) (PIMENTEL, 2012, apud MARTINS, 2012, p. 17)

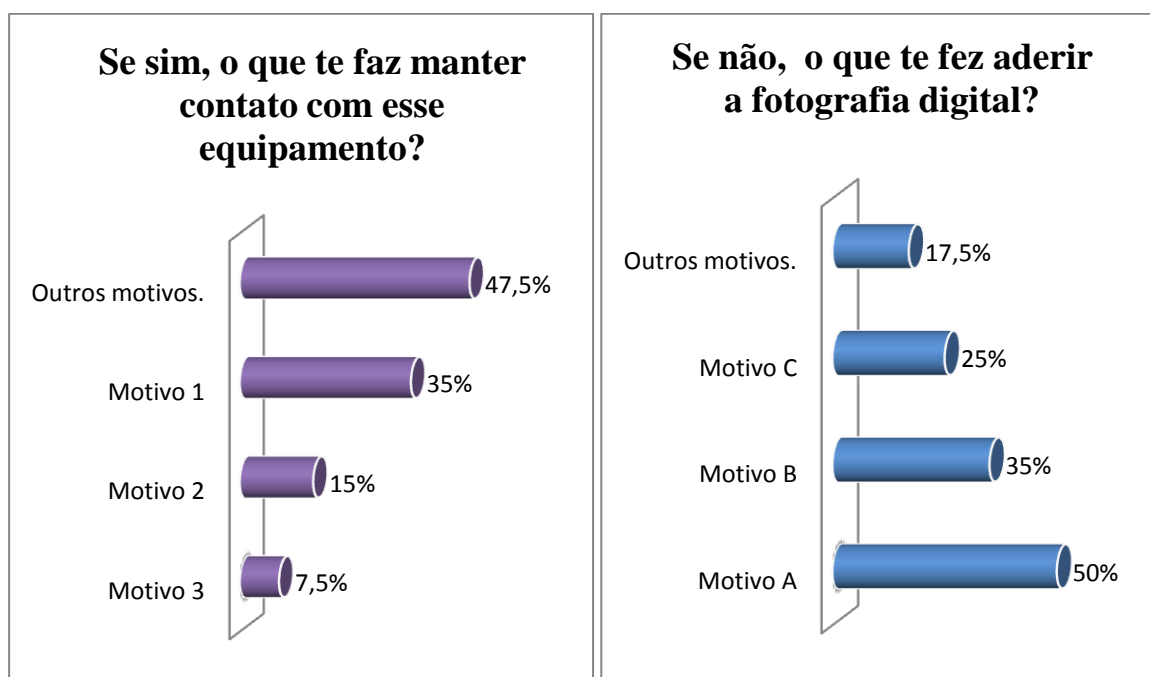
Dessa forma, temos uma noção da dimensão do momento de transformação que a fotografia passou e ainda está passando, a rapidez desse processo e suas consequências.



**Figura 1** – Respostas para a primeira pergunta do questionário.

A primeira pergunta do questionário aplicado aos 40 participantes continha a pergunta “Você possui e manuseia alguma câmera fotográfica analógica, ou seja, que utilize filme fotosensível?” e, segundo a Figura 1, foram 15 (38%) respostas afirmativas e 25 (62%) respostas negativas. Esses números explicitam que, como previsto, a fotografia analógica contempla a minoria das pessoas e está em processo de desaparecimento. Entretanto, foi de grande surpresa a quantidade de entrevistados – 15 de 40 pessoas – que ainda possuem e manuseiam uma analógica, confirmando que pessoas como eu ainda valorizam esse processo.

De acordo com essa primeira pergunta, foram aplicadas outras duas perguntas para determinar e investigar melhor os motivos da afirmação ou negação para a pergunta número um, mostrada na Figura 1.



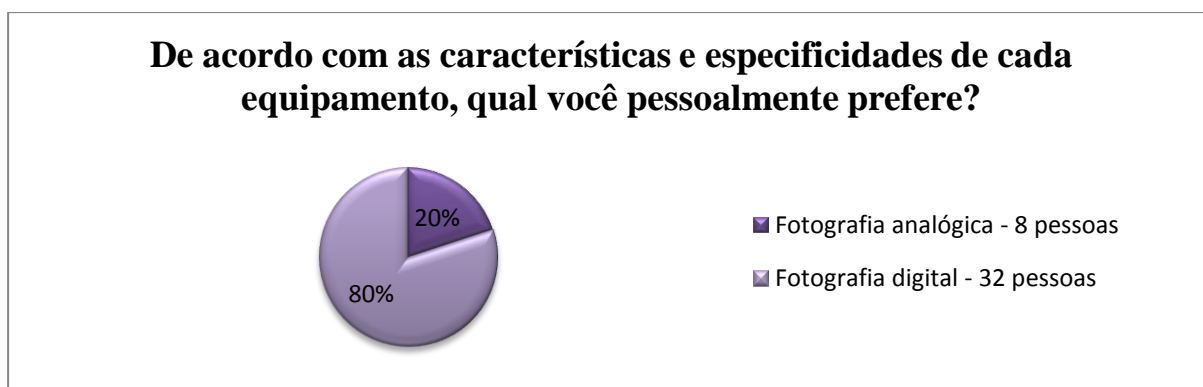
**Figura 2** – Motivos para manter contato com a fotografia analógica.

**Figura 3** – Motivos para aderir a fotografia digital.

Diante da pergunta da Figura 1, vamos analisar a Figura 2 referente à resposta afirmativa. A Figura 2, que possibilitava assinalar mais de um motivo por isso resulta aqui mais de 100%, explora melhor o participante que respondeu que possui e manuseia uma câmera analógica. O Motivo 1 correspondia a “Apenas possuo mas não utilizo.” e diz respeito a 35%, o Motivo 2 a “Entusiasmo pelo processo de experimentação no ato fotográfico.” com 15% e o Motivo 3 a “Qualidade obtida com o processo de revelação.” com 7,5%. Isso nos mostra novamente que os motivos afirmativos relacionados à prática tradicional da analógica e suas especificidades, como cuidado com o ato fotográfico e processo de revelação, estão desaparecendo, uma vez que mesmo dentro dos que possuem o equipamento, menos ainda são os que usufruem e praticam. Infelizmente, a maior porcentagem ficou para a opção “Outros motivos”, diferente do que eu esperava, pois imaginei que corresponderia a menor porcentagem. Assim, não consegui interpretar com clareza o que os participantes entenderam como “Outros motivos”, evidenciando uma falha na pergunta que não foi identificada com o questionário teste. Uma possível solução seria abrir a opção “Outros Motivos” para uma questão aberta, em que o indivíduo especificasse seus motivos.

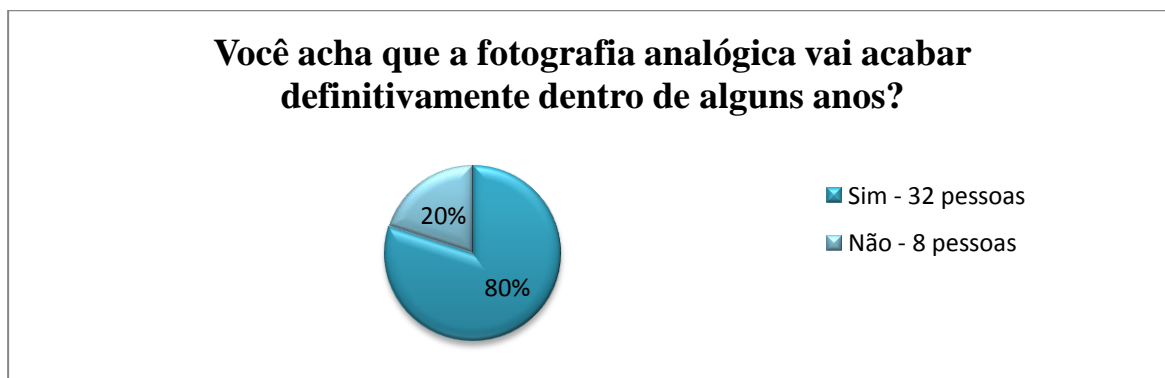
A Figura 3 é atrelada a resposta negativa a primeira pergunta, da Figura 1. Esta, que também possibilitava a múltipla escolha das opções, permitiu verificar o que levou a grande ruptura da tradição centenária em películas dos mais diversos tipos, culminando na passagem para o suporte digital, muitas vezes não palpável. Segundo o gráfico da Figura 3, a legenda do Motivo A é “Busca por dinamismo, rapidez e facilidade antes e depois do ato fotográfico”, o

Motivo B “Aumento da capacidade de armazenamento dos dispositivos digitais (cartão memória, por exemplo)” e o Motivo C é “Pelas facilidades, mas me interesse em voltar a utilizar equipamentos analógicos”. Analisando esses dados, é possível identificar que o principal motivo para a migração da analógica para a digital é basicamente a velocidade, tanto no ato fotográfico, como no processamento e armazenamento. Isto é, a partir da metade do século XX foram sendo diminuídas as especificidades técnicas de operacionalização do equipamento pelas programações automáticas, pois o interesse primeiro do usuário é unicamente o resultado final, o registro fotográfico (ENCONTRO NACIONAL DE HISTÓRIA DA MÍDIA, 2013). Outro ponto de destaque que contribuiu fortemente a transformação estudada foi o aumento da capacidade de armazenamento dos dados digitais, que trouxe muita eficiência e dinamismo para a fotografia. Ademais, é interessante ressaltar ainda que há uma parcela (25%) se mostrando disposta a reatar o contato com o equipamento analógico, validando a credibilidade e resistência desse setor frente ao seu declínio.



**Figura 4** – Pergunta dois do questionário e respostas sobre a preferência do indivíduo.

Mantendo a mesma linha de respostas, a Figura 4 – pergunta dois “De acordo com as características e especificidades de cada equipamento, qual você pessoalmente prefere?” - nos mostra que 32 (80%) pessoas preferem a foto digital e 8 (20%) preferem a analógica. Esse cenário ratifica que o espaço atual da fotografia está no mundo digital devido a inúmeros motivos, com destaque a praticidade, mas também coexiste com a produção de imagens em película.



**Figura 5** – Pergunta três do questionário e respostas.

A Figura 5, referente à terceira pergunta “Você acha que a fotografia analógica vai acabar definitivamente dentro de alguns anos?” analisada, surge para nos mostrar a opinião dos pesquisados acerca do futuro da fotografia analógica. A perspectiva de 32 (80%) indivíduos, grande maioria, é de que a analógica terá um fim certo, ou seja, chegará um dia em que ela desaparecerá por completo, suas especificidades técnicas e o processo de revelação laboratorial. Todavia, de acordo com as leituras referenciais que realizei, passando por profissionais da área e afins, essa perspectiva não é tão recorrente, como fala Evandro Teixeira em seu depoimento ao livro de Nelson Martins (2012):

Sempre haverá espaço para as fotos não digitais, especialmente em p/b. Mas imagino que aos poucos a fotografia analógica vai acabar restrita a uma elite, como hobby (...). Mas é importante frisar que não descarto totalmente os negativos, que de fato dão uma noção de relevo e trazem nuances impossíveis de se obter com equipamentos digitais. (TEIXEIRA, 2012, apud MARTINS, 2012, p. 34)

Por fim, a última pergunta que julgo válido comentar aqui, era de caráter aberta e trazia a seguinte indagação “Em sua opinião, qual a importância ou não da fotografia analógica, no contexto atual de mundo digitalizado?” e de 40 participantes recebi 37 respostas, quase 100% de respostas, visto que era também uma questão facultativa. Particularmente, apesar de opcional, essa pergunta foi a mais significativa para saber o que as pessoas pensam dessa área clássica da fotografia, com suas próprias palavras, repertórios e opiniões. Após uma leitura assídua dessas respostas, pude extrair que de maneira geral, todos atrelam a importância da analógica ao sentimento ou emoção que se coloca no ato da fotografia, devido ao cuidado e preparação para se realizar o registro do momento. Também constatei que a importância reside na questão física do registro, o papel com a imagem como objeto tátil e concreto de uma memória. Além disso, o interesse pessoal de cada um com a fotografia também delimita a importância ou não das analógicas; para um profissional da área as bases e técnicas da analógica são de suma validade, já para alguém que somente se entretém com a fotografia, postando em redes sociais, por exemplo, a analógica não apresenta muitas vantagens.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Encerrando as discussões acerca do tema levantado e toda a pesquisa desenvolvida sobre o recorte da dualidade entre a fotografia analógica e digital, pode-se confirmar que este artigo cumpriu seus objetivos gerais e específicos inicialmente traçados. Foi um trabalho desafiador, que demandou empenho para fomentar um repertório referencial e tempo para a análise das respostas do questionário aplicado.

Identifiquei dois contratempos no desenvolver do projeto. O primeiro foi no tempo de aplicação do questionário que se estendeu por uma semana a mais do que o previsto no projeto, devido à disponibilidade de tempo dos alunos do Curso Elite, que acabou atrasando o desenvolvimento, mas não foi substancialmente prejudicial para o resultado final. O segundo foi na elaboração de uma das questões complementares da questão um, a qual explorava os motivos que mantinham o indivíduo em contato com o equipamento analógico. Suponho que tenha faltado clareza nas opções de respostas e, assim, não fui capaz de interpretar



corretamente o que meu entrevistado quis dizer. Infelizmente, mesmo aplicando o questionário teste não foi possível identificar essa falha.

Por outro lado, a realização dessa pesquisa foi muito reveladora para mim, que já compreendia que a fotografia analógica está em acentuada decadência e transformação, mas não tinha a dimensão que ela mantinha tantos adeptos e admiradores ainda, mesmo que a minoria. Inclusive pensava que somente conseguiria verificar o contato dos indivíduos com a analógica caso trabalhasse com uma amostra de profissionais da área, mas, pelo contrário, ainda é possível encontrar esse contato no cotidiano de pessoas dos mais diversos setores, como os 40 alunos do Curso Elite Pré-Vestibular, que pertencem à geração Z, entre 20 e 25 anos de idade.

Enfim, o artigo traça um panorama da dura resistência da fotografia analógica num contexto de mundo em que a mecanização, a eletrônica e a digitalização se instalaram em praticamente todos os campos e a produção de imagens nunca foi tão intensa e disseminada. Curioso seria, para continuidade dessa investigação e estudo, se pesquisas futuras fossem feitas com gerações posteriores a Z, adentradas já no século XXI, para acompanhar a trajetória da sobrevivência ou completo desaparecimento da fotografia analógica. Também seriam interessantes pesquisas que abordem os fotógrafos adeptos do processo analógico e suas respectivas reações com o surgimento da fotografia digital. Essa última, que revolucionou o campo da fotografia, levanta questões e discussões acerca de suas dimensões e limitações que ainda não se tem respostas, deixando um extenso campo de possibilidades e inovações.

## REFERÊNCIAS

CARTIER-BRESSON, Henry. The decisive moment. In: GOLDBERG, Vicky. **Photography in print: writings from 1816 to the present**. Albuquerque: New Mexico University Press, 1981.

ENCONTRO NACIONAL DE HISTÓRIA DA MÍDIA, 9., 2013, Ouro Preto. **Anais...** Ouro Preto: Ufop, 2013. 13 p.

GECK, Caroline. **The Generation Z Connection: Teaching Information Literacy to the Newest Net Generation**. 2006. Disponível em: <[http://www.redorbit.com/news/technology/397034/the\\_generation\\_z\\_connection\\_teaching\\_information\\_literacy\\_to\\_the\\_newest/](http://www.redorbit.com/news/technology/397034/the_generation_z_connection_teaching_information_literacy_to_the_newest/)>. Acesso em: 30 mar. 2015.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Editora Atlas S.A., 1999.

MARTINS, Nelson. **Fotografia: da analógica a digital**. Rio de Janeiro: Editora Senac Rio, 2012. 280 p.

SMITH, Robb. Camera electronics launches photography into the 21st century. **Popular Science**, Nova York, v. 217, n. 6, p.100-103, dez. 1980.

SURVIO. **Crie sua pesquisa.** Disponível em: [survio.com/br](http://survio.com/br). Acesso em: 28 mar. 2015.